



TECNOLOGIAS DE EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NA VISÃO DE JOVENS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Taís Rodrigues Tesser

Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo
Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo

RESUMO

A presente pesquisa é fruto de um Trabalho Final de graduação, onde busquei conhecer quais as tecnologias que alunas e alunos, pertencentes a duas classes de oitavo e nono ano do ensino fundamental de uma escola municipal da zona leste de São Paulo, conhecem e/ou julgam mais adequadas para o trabalho com a temática da educação para a sexualidade. Como procedimento metodológico apliquei um questionário, o qual foi respondido por 17 estudantes. Ali, deveriam avaliar as seguintes tecnologias: palestras, dinâmicas, aulas, cursos, filmes, discussões, jogos, textos e teatro (dramatização). Nos resultados pude perceber que, na visão das alunas e dos alunos, é importante que trabalhos envolvendo a temática da sexualidade existam na escola, através de estratégias e metodologias que valorizem a participação ativa delas e deles. Apesar da presença do tema em documentos oficiais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais, é recorrente que as alunas e os alunos não procurem a escola para esclarecer suas dúvidas ou partilhar suas opiniões. Assim, considero importante repensar o trabalho com esta temática no cotidiano das escolas.

Palavras-chave: sexualidade; alunas e alunos; escola; educadoras e educadores.

INTRODUÇÃO

O meu contato com o tema educação para sexualidade teve início com a minha entrada no Projeto “Saúde e Prevenção na Universidade”, desenvolvido na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), sob a coordenação da Profa. Dra. Elizabete Franco Cruz e participação de alunas, professores e professoras de diferentes cursos da EACH,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:





onde desenvolvem trabalhos voltados à prevenção das DST/aids junto à comunidade universitária e escolas da cidade de São Paulo. Posteriormente, surgiu a possibilidade de unir o conhecimento que estava adquirindo no projeto com o desenvolvimento do meu estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza (LCN), em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada no bairro do Tatuapé, na Zona Leste de São Paulo¹.

O trabalho desenvolvido com as/os jovens envolveu, em sua maioria, rodas de conversa, que valorizavam a reflexão sobre assuntos como gravidez não planejada na adolescência, métodos contraceptivos, violência, vulnerabilidade, doenças sexualmente transmissíveis, preconceito e acesso à informação. Durante todo o período de aplicação das atividades, foi possível perceber conversas entre as alunas e os alunos sobre os temas abordados e até mesmo sobre as atividades aplicadas. Tais diálogos também foram observados na sala das professoras e dos professores, e ainda obtive o retorno positivo de algumas mães, pais e responsáveis das/os jovens. No início de 2012, recebi o convite para retornar à escola a fim de desenvolver as mesmas atividades com as alunas e os alunos, no momento, dos 8º anos.

A partir dessas experiências, surgiu a ideia de desenvolver um Trabalho Final de graduação sobre a temática da sexualidade. A vontade de saber o que algumas e alguns jovens dessa escola pensavam sobre atividades elaboradas e trabalhadas sobre educação para a sexualidade foi desencadeada pelo contato que tive com elas e eles durante o meu estágio. Tive a oportunidade de conversar bastante com algumas alunas e alguns alunos, conhecer outras e outros tantos, bem como nas

1 Relatos de minha experiência com o estágio obrigatório também foram compartilhadas no livro “Experiências de Ensino nos Estágios Obrigatórios: uma parceria entre a universidade e a escola”, organizado por Fabiana Curtopassi Pioker-Hara e Verônica Marcela Guridi, publicado pela editora Alínea, em 2013.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





atividades desenvolvidas pelo projeto e, em diversos momentos, senti que quando suas falas eram “permitidas” ou solicitadas, muitas/os queriam participar, queriam contar suas histórias, propor novas atividades e foi então que, lembrando desses momentos, senti a necessidade de sistematizar e documentar aquilo que as alunas e os alunos pensavam sobre trabalhos que envolviam o tema.

Educação para a sexualidade na escola

Ao se trabalhar a temática da sexualidade em sala de aula, há a necessidade de abordar as múltiplas questões que envolvem a sexualidade dos indivíduos e não apenas ensiná-los quais são os papéis que os sistemas biológicos exercem em nosso corpo e os nomes dos órgãos que compõe essas engrenagens. Para tanto, faz-se necessário um olhar para a sexualidade e suas expressões na juventude, por parte das educadoras e dos educadores. Xavier Filha (2000) aborda, em seu estudo sobre educação sexual na escola, que nos relatos de professoras e professores sobre as manifestações de sexualidade de suas alunas e seus alunos, fica evidente que as educadoras e os educadores não conhecem e/ou entendem as etapas e vivências da sexualidade em crianças e jovens. Consequentemente, em determinados momentos, essas manifestações são silenciadas por falta de informação das professoras e dos professores, sendo elas e eles responsáveis por uma fase muito importante na vida dessas/es jovens, que é o momento de formação de valores e opiniões. Esse é o resultado da própria educação a que educadoras e educadores foram submetidos, e das regras e papéis sociais estabelecidas pela sociedade (XAVIER FILHA, 2000). Mas não são apenas educadoras e educadores que apresentam limitações com relação a esse assunto. Louro (1997, p. 133) enfatiza que, para muitas adultas e muitos adultos, conversas, trabalhos e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





discussões sobre as questões que envolvem a temática da sexualidade era algo a ser conversado “em voz baixa, com reservas e com poucas pessoas”.

Entretanto, tal silenciamento não ocorre por parte das/os jovens. Independente da vontade de mães, pais, responsáveis, professoras e professores, o tema da sexualidade está presente nos pátios, corredores e salas de aula das escolas. Está presente nas “conversas das/os estudantes, (...) estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros (...) nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes” (LOURO, 1997, p. 131). Todavia, saber se as escolas brasileiras lidam e como lidam com essas questões, não é uma tarefa fácil.

Mesmo ainda sendo vista como algo a não ser trabalhado nas escolas, por ser considerada um estímulo às crianças e jovens à prática precoce da sexualidade, a Educação Sexual foi incluída como uma temática a ser desenvolvida no Ensino Fundamental, pois as autoridades brasileiras, ao analisarem pesquisas realizadas em outros países, que mostram que essa ocorrência não passa de um temor sem fundamento, optaram por incluí-la em nossos programas educacionais através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (CAMARGO; RIBEIRO, 1999).

Em 1997, a publicação dos PCN separaram o ensino de ciências naturais para o ensino fundamental II em quatro blocos temáticos: Ambiente; Recursos Tecnológicos; Terra e Universo, e Ser Humano e Saúde, sendo este último destinado a tratar das temáticas que envolvem a sexualidade do sujeito. Os PCN apresentam o tema com um significado que vai além de, unicamente, a reprodução. De acordo com o documento, a sexualidade deve ser levada em consideração em todas as fases da vida, como um fator social e cultural, incluindo, mas não se limitando, a dimensões biológicas, sendo um dos elementos de realização humana nas esferas sociais e afetivas. O estudo dos aparelhos reprodutores, feminino e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





masculino, desde a concepção até o parto e as formas de prevenção de DST e gravidez são tão importantes quanto a ideia de que o corpo do ser humano é sexuado, expressa-se em distintas formas durante toda a vida, comportamento este influenciado pela sociedade e cultura de cada cenário. Tal conhecimento permite às alunas e aos alunos perceber melhor o seu corpo, respeitar suas necessidades, bem como das demais pessoas e fazer escolhas dentro do que lhe é apresentado (BRASIL, 1997).

Além de blocos temáticos, os PCN apresentam os chamados Temas Transversais: Ética; Meio Ambiente; Saúde; Pluralidade Cultural; Temas Locais, e Orientação Sexual, que devem ser trabalhados em todas as disciplinas. De acordo com o documento, eles expressam conceitos e valores básicos e necessários à democracia e à cidadania e remetem a questões importantes e urgentes para a sociedade atual (BRASIL, 1997). O tema transversal Orientação Sexual dialoga com o bloco temático Ser Humano e Saúde, da disciplina de ciências naturais, no entanto, é preciso ressaltar que não deve ser trabalhado somente neste contexto, mas em todas as disciplinas, conforme sugerido pelo documento. A temática tem como vertentes de trabalho o corpo enquanto matriz da sexualidade, as relações de gênero e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

De acordo com Camargo & Ribeiro (1999, p. 50), “no Brasil, a Educação Sexual passou e passa por movimentos que avançam e recuam e ainda não está incorporada ao sistema educacional”. Isso significa que por mais que esforços estejam sendo feitos, a educação para sexualidade ainda precisa quebrar barreiras no que tange sua institucionalização. Concordando com Paiva, Peres & Blessa (2002), que afirmam que o trabalho com a/o jovem não é para a/o jovem, mas com a/o jovem, precisamos levar em consideração a participação e opinião das/os estudantes durante todo o processo de ensino aprendizagem, em especial quando o

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





assunto é sexualidade. Tentar entender suas necessidades, angústias e prazeres é fundamental para o desenvolvimento de estratégias produtivas e prazerosas. Para tanto, elas e eles precisam falar, expor suas ideias, para juntas/os construirmos conhecimentos, traçarmos desafios e, acima de tudo, tentarmos ajudar na construção de sujeitos de opiniões críticas, com respeito a si e a/o próxima/o (CRUZ; ARAÚJO; CAMPOS; CAMARGO, 2009).

Trabalhar como as/os jovens requer respeito, acima de tudo, além de confiança e afeto, pois sem isso não precisamos nem nos dar ao trabalho de tentar (Paiva; Peres; Blessa 2002). Para tanto, é importante pensar em como trabalhar o tema. Dentro do trabalho com educação para a sexualidade existem diferentes apropriações da temática, gerando, conseqüentemente, diferentes abordagens. Tendo em vista trabalhos como os de Camargo & Ribeiro (1999) e Paiva, Peres & Blessa (2002), acredito que ouvir as alunas e os alunos é algo rico e importante para a implementação do trabalho, entretanto, tal aproximação requer a escolha de estratégias que respeitem características e especificidades dos grupos e turmas de estudantes que iremos trabalhar, sendo assim, é de grande importância o tempo gasto para escolher quais tecnologias serão empregadas para o desenvolvimento do assunto. O modo de abordagem adotado pode ser muito favorável e contribuir para um trabalho produtivo e com ótimos resultados, como também pode minar com a participação das/os jovens e não proporcionar os resultados esperados. São diversas as tecnologias com as quais pode-se trabalhar a temática com alunas e alunos, dentre elas estão as aulas expositivas, documentários, debate, dramatização, dinâmicas de grupo, manchetes de revistas e jornais, filmes, cursos, cenas de novelas, seriados, desenhos, palestras, recorte e colagem, modelagem, jogos, textos, músicas, pesquisa, livros de literatura, poesia, desenho, oficinas.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





A partir da leitura desses trabalhos que defendem uma maior aproximação com o universo das/os jovens, considerando uma construção metodológica que as/os envolvesse, uma vez que elas e eles fazem parte e definem tal espaço, procurei desenvolver um estudo onde evidenciasse quais as tecnologias mais eficientes para se trabalhar o tema da educação para a sexualidade com jovens, para que, assim, pudesse pensar quais os possíveis caminhos para se ter uma maior presença da educação para a sexualidade no cotidiano escolar.

Metodologia

Foi adotada uma metodologia qualitativa, onde elaborei um questionário tendo como base o contato que tivemos durante o período do desenvolvimento das atividades, me apropriando de assuntos e tecnologias apresentadas pelas/os jovens da escola trabalhada e também de alguns pontos encontrados na bibliografia.

O questionário teve nove perguntas fechadas e três perguntas abertas, sendo elas: 1) Você recebe algum tipo de informação ou conversa com alguém sobre sexualidade? Respostas: nunca, às vezes, sempre. 2) Quando está com alguma dúvida sobre sexualidade você esclarece com: (Pode assinalar mais de uma alternativa). Respostas: pai, mãe, familiares, colegas, internet, revistas, não esclarece a dúvida, professores/ professoras. 3) Você já teve nesta ou em outra escola atividades sobre educação para a sexualidade? Respostas: nunca, às vezes, sempre. 4) Das atividades abaixo, quais são as tecnologias mais eficientes de educação para a sexualidade que você considera aprender mais? Respostas: palestras, dinâmicas, aulas, cursos, filmes, discussões, jogos, textos, teatro (dramatização). 5) Se já participou de atividades sobre educação para a sexualidade, quais temas foram trabalhados? Respostas: gravidez, HIV, DST, prazer, homossexualidades, preconceitos, transsexualidades. 6) Quais temas

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





gostaria que fossem trabalhados? 7) Agora procure lembrar se na sua vida escolar teve algum dia em que você aprendeu alguma coisa interessante sobre sexualidade. Respostas: sim, não. 8) Se você respondeu sim na pergunta 7, qual foi o tema trabalhado? Respostas: gravidez, HIV, DST, prazer, homossexualidades, preconceitos, transsexualidades. 9) Se você respondeu sim na pergunta 7, como foi trabalhado? Respostas: palestras, dinâmicas, aulas, cursos, filmes, discussões, jogos, textos, teatro (dramatização). 10) Se você respondeu sim na pergunta 7, o que te interessou? Assunto, modo como foi trabalhado ou ambos? Respostas: assunto, modo como foi trabalhado, assunto e modo como foi trabalhado. 11) Qual é a sua opinião sobre o desenvolvimento de atividades sobre sexualidade na escola? 12) Comentários.

Em todas as perguntas fechadas existia um espaço reservado para “outros” e possíveis comentários. Dias antes da aplicação do questionário, foram enviadas à escola as autorizações para que mães, pais ou responsáveis assinassem, autorizando suas filhas e seus filhos a participarem da pesquisa. No momento da aplicação, foram distribuídas as autorizações que deveriam ser assinadas pelas/os próprias/os alunas e alunos, juntamente com a folha do questionário. A escola contava com duas turmas de 8º e duas de 9º ano, onde estavam matriculadas/os, no total, 158 alunas e alunos. Cabe ressaltar que algumas alunas e alguns alunos do 9º ano da escola foram jovens que participaram das atividades desenvolvidas no início de 2012. As respostas das perguntas fechadas foram sistematizadas e analisadas, as das questões abertas foram analisadas individualmente. Em determinadas questões, as alunas e os alunos puderam optar por mais de uma resposta. É importante ressaltar que analisei os resultados à luz da bibliografia, da experiência da regência, bem como das impressões obtidas durante a aplicação das atividades na escola.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Resultados e discussão

Foram aplicados 17 questionários, os quais foram respondidos por alunas e alunos dos 8º e 9º anos, com idades entre 13 e 16 anos. Na impossibilidade de apresentar uma discussão detalhada de cada uma das perguntas, utilizarei esse espaço para abordar alguns pontos das respostas que considero mais relevantes à presente comunicação oral. De acordo com as respostas das alunas e dos alunos, é possível afirmar que, do total de estudantes que responderam ao questionário, a maioria tem algum contato, mesmo que esporadicamente, com assuntos relacionados ao tema sexualidade. Ao longo do período em que estive em contato com essas/es jovens, foi perceptível a forte presença de conversas entre elas e eles sobre assuntos diversos relacionados à sexualidade. Portanto, o resultado indicado por essa pergunta, onde existe a conversa ou contato com informações sobre o tema, corresponde àquilo outrora observado.

Quando perguntado às/aos estudantes com quem elas e eles tiram suas dúvidas sobre sexualidade, a maioria respondeu que esclarece suas dúvidas com pais, mães e/ou familiares, outras/os colegas, e apenas uma aluna ou um aluno respondeu que esclarece suas dúvidas com professoras e professores, o que representa a necessidade de termos educadoras e educadores preparados para o trabalho com a temática da sexualidade, uma vez que as/os jovens estão procurando por essas pessoas para conversar, trocar ideias, informações e tirarem suas dúvidas. Entretanto, no universo de alunas e alunos questionadas/os, apenas uma/um se referiu à escola como fonte de esclarecimento de dúvidas, o que pode estar relacionado a uma possível falta de abertura da escola às conversas que versem sobre sexualidade, ou pode significar que as alunas e os alunos não se sentem à vontade para levantar formalmente tais assuntos no ambiente escolar.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Quando as alunas e os alunos responderam quais são as tecnologias mais eficientes para a educação para a sexualidade, percebi que as respostas foram bem próximas umas das outras. As tecnologias palestras, cursos, filmes, discussão e jogos foram escolhidas por alunas e alunos tanto dos 8º anos como dos 9º anos, entretanto tivemos uma diferença nas opções dinâmicas, aulas, texto e teatro (dramatização), pois nas turmas de 8º ano uma/um jovem optou por dinâmicas, outra/o por textos e outra/o teatro (dramatizações), em contra partida, tais tecnologias não foram apontadas entre as turmas de 9º ano. Esse resultado pode ter ocorrido pelo fato de que as/os estudantes dos 9º anos participaram das atividades no início de 2012 e, por isso, conheciam o seu desenvolvimento, com exceção do teatro (dramatizações), pois foi uma temática que não foi trabalhada nessa época. A mesma razão pode ser atribuída a um número grande de escolhas pela temática “aulas”, já que alunas e alunos dos 9º anos, em respeito às demandas específicas da escola, participaram, de atividades em horário de aula, principalmente no horário das aulas de ciências, bem como a/o jovem de um dos 8º anos, que optou pela tecnologia texto, que é uma tecnologia muito utilizada pelas instituições escolares. Por outro lado, apesar das alunas e dos alunos dos 9º anos também terem trabalhado a partir dos textos, nenhuma ou nenhum optou por essa tecnologia, talvez pelo fato de que já trabalharam com ela e não gostaram ou não se interessaram em utilizá-la novamente.

Entretanto, cabe ressaltar que também utilizamos outros espaços da escola, para além das salas de aula convencionais, como a sala de informática e o pátio. Além disso, tive a oportunidade de reorganizar a disposição das carteiras das salas de aula. Em todos esses espaços, a maioria das/os estudantes participavam muito das atividades. Quando utilizávamos objetos e materiais didáticos que não eram utilizados cotidianamente, a atenção delas e deles era facilmente apreendida,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





promovendo grande participação das turmas. É possível afirmar que foram poucos os momentos em que a fala centrou-se em mim e, em alguns momentos, na professora responsável pela turma. Assim, acredito que as respostas vão ao encontro da experiência vivida na escola. Também temos que levar em consideração que podemos ter, entre as alunas e os alunos, aquelas/es que não sabem como algumas tecnologias são trabalhadas e, por isso, podem ter respondido ao questionário de uma maneira pouco esclarecida.

Quando busquei saber quais foram as tecnologias utilizadas no dia em que elas e eles consideraram ter aprendido algo interessante sobre sexualidade na escola, as tecnologias mais citadas foram as aulas (escolhida por sete estudantes) e as palestras (escolhida por cinco estudantes), bem como os filmes, citado por três jovens. Assim como nenhuma aluna e/ou nenhum aluno mencionou as tecnologias dinâmicas, cursos e teatro (dramatização). A experiência que as alunas e os alunos tiveram com essas atividades podem ter servido de base para as respostas da pergunta quatro do questionário, na qual buscamos saber quais são as tecnologias mais eficientes de educação para a sexualidade que consideram aprender mais. Se compararmos as respostas da pergunta quatro com a nove, observamos que em ambos os casos as tecnologias aulas e palestras foram as mais escolhidas.

Ainda sobre as questões envolvidas nessas atividades, busquei saber se as alunas e os alunos gostaram do assunto, do modo como ele foi trabalhado ou ambos. Quando comparadas as respostas das quatro turmas, temos um número grande de estudantes que responderam terem gostado do *assunto* que foi trabalho no momento em que lembram, bem como do *modo*, ou seja, a tecnologia com a qual essa temática foi desenvolvida. Das/os demais jovens uma aluna ou aluno respondeu que gostou do assunto e outra/o gostou da tecnologia utilizada.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:





Esses dados corroboram o observado no levantamento bibliográfico (Camargo & Ribeiro, 1999; Paiva, Peres & Blessa, 2002), que leva em consideração que o assunto e o modo de se trabalhar as atividades em educação para a sexualidade devem ser escolhidos a partir das características e especificidades de cada grupo. Se observamos com cuidado nossas turmas, dialogarmos com nossas alunas e nossos alunos e, juntos, traçarmos estratégias que nos permitam trabalhar com tecnologias que se aproximem das particularidades e preferências da turma, as chances de conseguirmos alcançar nossos objetivos tendem a aumentar.

Um comentário que me chamou bastante a atenção foi a dúvida sobre a parte do corpo que é mais sensível. Esse relato pode demonstrar que as alunas e os alunos têm dúvidas e curiosidades sobre os próprios corpos, mas não necessariamente sobre seu funcionamento e reprodução, que é o que geralmente é trabalhado nas escolas, mas como esses corpos reagem a estímulos e como estão associados aos prazeres.

Os comentários reforçam a posição favorável das alunas e dos alunos sobre o trabalho de educação para a sexualidade na escola. Entretanto, nos parece que em muitos deles há a presença de um discurso muito ouvido, que é sobre a falta de maturidade e responsabilidade por parte das/os jovens. De acordo com Xavier Filha (2000), muitas/os jovens, em diversos momentos, discursam sobre suas sexualidades como algo exercido sem responsabilidade e de maneira precoce, quando, na verdade, estão reproduzindo um discurso de muitas/os adultas e adultos. Uma das razões para essa repetição pode ser a vontade de dizer aquilo que educadoras e educadores esperam ouvir, ou mesmo por conta de se tratar da reprodução de um discurso construído a partir de outras vivências que não as delas/es.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Nas quatro turmas as alunas e os alunos comentaram achar de grande importância o trabalho de educação para a sexualidade na escola. Podemos considerar que as/os estudantes acham importante e gostam de trabalhos que discutam a sexualidade e suas diferentes formas de manifestação, pois comentaram e relataram ter dúvidas, curiosidades e prazer em trabalhar a temática na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando participei do projeto “Saúde e Prevenção na Universidade”, em diversos momentos pude observar a necessidade de mudança de tecnologia e metodologia dependendo da turma trabalhada e, em cada escola, foi preciso alterá-las também. Quando comecei a desenvolvê-las com as alunas e os alunos da escola trabalhada em meu Trabalho Final, novamente precisei conhecer melhor as turmas para então traçar quais as tecnologias que possivelmente melhor se destinavam a elas e eles.

Analisando as respostas das perguntas abertas, em alguns momentos as alunas e os alunos relataram ter dúvidas ou querer atividades voltadas para assuntos como preconceito, prazer, transsexualidades, posições, proteção, gravidez e melhor conhecimento do próprio corpo. Quando a abordagem leva em consideração apenas as questões biológicas, não há muita abertura para o trabalho com tais temáticas, mas na educação para a sexualidade esses são temas que estão intrinsecamente relacionados e há espaço para discussões a respeito desses assuntos e outros, como relacionamento entre pessoas, que foi um assunto que escutei bastante nas rodas de conversas das/os jovens na escola e nos relatos das professoras e dos professores.

A meu ver, as alunas e os alunos dessa escola falam sobre sexualidade. Elas e eles, na grande maioria, também acham importante trabalhar a educação para

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





sexualidade nas escolas, sem tabus ou preconceitos, entretanto, o que acham as educadoras e os educadores? Reflito que, na visão dessas/es jovens, é importante a existência desses trabalhos na escola, contudo, o espaço escolar não se configurou como elemento central para busca de informações, o que pode nos levar à necessidade de repensar o trabalho com esta temática no cotidiano das escolas. Tanto pela pesquisa, como pelas experiências realizadas no decorrer de meu curso de graduação, avalio que, apesar de constar nos documentos oficiais, o tema muitas vezes não está incorporado aos currículos das escolas e nem sempre existe abertura para que ela se configure como um espaço de referência para as/os estudantes na busca de informações sobre este assunto.

Concluo esse trabalho com questões que podem nortear trabalhos futuros que, talvez, se dediquem a aproximar-se mais do universo dessas/es jovens e de suas professoras e seus professores, possivelmente através de entrevistas ou atividades similares, para saber quais são suas opiniões e posições a respeito da temática da educação para a sexualidade: as educadoras e os educadores estão preparadas/os para trabalhar com a temática da educação para a sexualidade, em suas diferentes esferas e peculiaridades, tendo em vista suas formações específicas, bem como os tabus e preconceitos que carregam consigo? O que significa estar preparada e preparado para esse trabalho?

REFERÊNCIAS

BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais. *Apresentação dos temas transversais, ética*. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>, acessado em 15 de janeiro de 2013.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. *Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal*. Campinas: Moderna, 1999.

CRUZ, E. F.; ARAÚJO, N. M.; CAMPOS, M. T. A.; CAMARGO, J. C. S. Meninas, gestando relações de gênero e cuidado de si. In: *Educ. foco*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 31-59, 2009.

PAIVA, V.; PERES, C.; BLESSA, C. *Jovens e Adolescentes em Tempo de Aids Reflexões Sobre uma Década de Trabalho de Prevenção*. Psicol. USP, São Paulo, vol. 13 n. 1, 2002.

LOURO, G. P. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

TESSER, T. R. Estágio de Licenciatura em Ciências: relatos de uma experiência em educação sexual. In: PIOKER-HARA, F. C.; GURIDI, V. M. (orgs.). *Experiências de Ensino nos Estágios Obrigatórios: uma parceria entre a universidade e a escola*. Campinas: Alínea, 2013, p. 51-59.

XAVIER FILHA, C. *Educação sexual na escola: o dito e o não dito na relação cotidiana*. Campo Grande: Editora UFMS, 2000.

EDUCATION TECHNOLOGIES TO SEXUALITY THROUGH VISION OF ELEMENTARY SCHOOL II STUDENTS

Abstract

This paper was developed for a graduation final project, which was based on a research with students from two classrooms of eighth and ninth year of a public elementary school on the east side of São Paulo, to identify technologies they knew and/or considered more appropriate to work with the theme of sexuality education. The methodological procedure was the application of a questionnaire answered by 17 students, where they should evaluate the following technologies: lectures, dynamics, classes, courses, films, discussions, games, texts and theater (drama).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:





From the results, it is noted that, in the opinion of the students, it is important that works involving the sexuality theme could exist in school, through strategies and methodologies that enhance their active participation. Despite the presence of the topic in official documents such as the National Curriculum Parameters (Parâmetros Curriculares Nacionais), the research showed that students do not seek the school to answer sexuality questions or share their opinions. For this reason, it is important to rethink how this issue should be dealt in primary education schools.

Keywords: sexuality; students; school; educators

Realização:



Apoio:



DTP

Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook